



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://www.revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/article/view/455>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2023 by Associação Brasileira de Hispanistas. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## A DISCURSIVIZAÇÃO DA REPRESSÃO E DA LIBERDADE EM *STELLA MANHATTAN*, DE SILVIANO SANTIAGO

Fabio Ávila Arcanjo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo toma como *corpus* o romance *Stella Manhattan*. A obra conduz o leitor a uma jornada pontuada por um procedimento de construção imagética de personagens pautados por valores, crenças e desejos, embora destoantes, inseridos em um mesmo momento discursivo, a saber, a ditadura militar brasileira. Importa destacar que o palco dos conflitos instaurados entre as personagens é a cidade de Nova York, onde vive Stella Manhattan/Eduardo, uma personagem, que se divide em duas: Eduardo, um jovem de classe média que é forçosamente enviado por seus pais para a cidade estadunidense, em função de sua indesejável (pela norma vigente) orientação sexual; e Stella, uma inscrição da liberdade sexual e de uma tentativa de fuga da moralidade. O foco central desse trabalho é analisar, por intermédio da *semântica global* proposta por Maingueneau (2008), o procedimento de construção imagética operado na obra, considerando três categorias: *temas, vocabulário e modos de enunciação*.

**Palavras-chave:** Ditadura; Sexualidade; Valores; Semântica global.

**Abstract:** The novel *Stella Manhattan* serves as the corpus for this essay. This story takes the reader on a trip marked by the construction of imagery of individuals led by ideals, beliefs, and wants that, while distinct, are placed in the same discursive moment, namely the Brazilian military dictatorship. It should be noted that the setting for the characters' conflicts is the city of New York, where Stella Manhattan/ Eduardo lives. Eduardo is a character who is divided into two: Eduardo, a middle-class young man who is forcibly sent to the American city by his parents because of his undesirable (considering the current norm) sexual orientation; and Stella, an inscription of sexual freedom and an attempt to escape

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pelo Programa de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, sou pesquisador colaborador em nível de Pós-doutorado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Departamento de Teoria Literária -, com financiamento FAPESP e sob supervisão do Professor Doutor Márcio Seligmann-Silva. Sou vinculado ao Núcleo de Discurso da UFMG (NAD-UFMG), além de fazer parte dos grupos de pesquisa Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso ? ELAD, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Retórica e Argumentação (UFMG), Mídia e Memória, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Sou membro da Associação Brasileira de Retórica e Associação Latino-americana de Retórica, fazendo parte do comitê organizador de congressos e simpósios propostos por tais associações. Minha produção científica tem como ponto de partida a teoria literária, análise do discurso, teorias da comunicação e os estudos em argumentação, com o foco voltado para temas como cinema, memória, mídia, Holocausto, questões de gênero e direitos humanos.

morality. The primary goal of this study is to examine the image formation technique used in the work in question using the global semantic proposed by Maingueneau (2008), with three categories in mind: themes, language, and modes of enunciation.

**Keywords:** Dictatorship; Sexuality; Values; Global Semantic.

## Introdução

Inicialmente, convém destacar um elemento que chama a atenção na obra *Stella Manhattan*, escrita por Silviano Santiago, e esse elemento, pontuemos, transcende ao mesmo tempo que se entrelaça com a trama. Estamos falando da temporalidade. Expliquemos melhor: a narrativa se passa no ano de 1969, tendo sido escrita em 1985 e republicada pela Companhia das Letras em 2017. Que tipos de efeitos de sentido são produzidos, levando em consideração essas marcações temporais?

O romance se inicia estabelecendo dois marcos (temporal e espacial), cruciais para o entendimento da conjuntura política, social e cultural que envolve a história: Ilha de Manhattan, Nova York, 18 de outubro de 1969. Há, nessa data, duas lógicas antagônicas: o recrudescimento da repressão e da intolerância (o AI-5 havia sido baixado no dia 13 de dezembro de 1968); e o espírito da contracultura, que traz o valor da liberdade sexual como um dos seus pilares (o festival de Woodstock, por exemplo, aconteceu entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969, há pouco mais de 150 km de Manhattan). Essa ideia de liberdade sexual é relativa, haja vista, o marcante acontecimento da rebelião de Stonewall<sup>2</sup>, mencionada por Silviano Santiago no prefácio. A percepção desse antagonismo é fulcral, pois ele perpassa a construção imagética da personagem central do livro.

Stella Manhattan, aliás Eduardo da Costa e Silva, com terno da Bloomingdale's, camisa de colarinho abotoado e gravata com listras verticais dos Brooks Brothers, há ano em meio chegou malvestido e deprimido a Nova York. Apesar de não ser da carreira, veio trabalhar no consulado brasileiro lá no Rockefeller Center. Puseram-no na seção de passaportes, com a função de atender o público. (Santiago, 2017, p. 20).

É possível afirmar que *Stella Manhattan* é uma faceta que emerge a partir da forçosa ida de Eduardo da Costa e Silva para os Estados Unidos, em função de um comportamento sexual julgado intolerável pelos seus pais. Ela funciona-

---

<sup>2</sup> Uma série de manifestações da comunidade LGBT em oposição à truculência da polícia de Nova York, que invadiu, no dia 28 de junho de 1969, o bar Stonewall Inn, agredindo e prendendo inúmeros frequentadores do local. As manifestações duraram seis dias e foram importantes para marcar uma posição em relação à libertação sexual e à luta por direitos mobilizada pela comunidade LGBT.

ria, portanto, como uma inscrição de um espírito de liberdade (mais próximo aos valores cultuados pela contracultura), em detrimento de uma personagem que é apresentada por meio de um léxico marcado pela negatividade – “chegou mal vestido e deprimido” – em diálogo com a ideia de repressão vivenciada por Eduardo em seu país de origem.

Importa voltar o olhar para a questão da temporalidade, mencionada anteriormente. Silviano Santiago escreve esse romance em 1985 e o próprio autor enfatiza que, em primeiro lugar, ele fora escrito em “tempos de AIDS”, o que impulsionou uma construção ainda mais negativa da imagem dos homossexuais – a doença originária do vírus HIV foi identificada, no passado, como “câncer gay”. Ademais, segundo o autor, o romance é nostálgico da revolução, lembrando que o Brasil ainda experienciava um governo ditatorial, embora arrefecido (o movimento das *Diretas Já*, por exemplo, antecedia o presente da enunciação de *Stella Manhattan* em pouco tempo, daí o espírito revolucionário de um momento presente, que foi resgatado por Silviano Santiago com o olhar no passado). Por fim, o relançamento da obra em 2017 impulsiona uma fricção com o que era vivenciado pelo Brasil naquele período: a presidente Dilma Rousseff havia sofrido um golpe, sendo retirada do cargo poucos meses antes do relançamento de *Stella Manhattan*, o que desencadeou, de forma ainda mais marcada, o recrudescimento de valores nostálgicos em relação à ditadura militar. Dessa forma, *Stella Manhattan* funciona como uma espécie de contradiscurso.

Diante disso, é válido apresentar, de forma dirimida, o gesto de análise a ser empregado no presente artigo. *Stella Manhattan* traz uma série de personagens que, de certa forma, semiotizam os valores cultuados naquele momento, tanto em uma lógica contrária à repressão da ditadura militar (Stella/Eduardo, Marcelo) quanto em um movimento de legitimação da barbárie (Aníbal). Além disso, é importante lidar com uma personagem que se situa em uma espécie de entre-lugar, o coronel Viana, que pertence ao aparato totalitário do governo brasileiro, ao mesmo tempo em que adota comportamentos sexuais que vão de encontro ao que era considerado aceitável por uma extrema direita moralista e, muitas vezes, hipócrita.

Nosso olhar se voltará, perante o exposto, para algumas personagens centrais na obra em questão, na tentativa de discutir melhor o processo de discursivização, tanto do discurso revolucionário quanto do discurso legitimador da violência de Estado. Para tanto, iremos nos municiar das contribuições de Dominique Maingueneau (2008 [1984], p. 75), em seu clássico estudo *Gênese dos discursos*, no qual temos o modelo da *semântica global*, um procedimento que “não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus “planos”, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação”.

O mencionado modelo prima em lidar com sete categorias para a realização de uma análise integrada, sendo elas: a intertextualidade, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de coesão, os temas, o vocabulário e o modo de enunciação. Privilegiaremos as três últimas, em função do limitado espaço concedido para a escrita de um artigo científico, lembrando que quaisquer outras categorias podem ser perfeitamente utilizadas em outros gestos de leitura a serem, porventura, realizados para analisar o romance em pauta.

### **O quadro teórico metodológico**

Para este artigo, buscamos desenvolver a leitura do supracitado romance de Silviano Santiago, lançando mão de contribuições do multifacetado campo da análise do discurso de linha francesa. Para o pesquisador brasileiro Wander Emediato (2020, p. 23), há “três séries diferentes de pensamento sobre o discurso, que permitiriam a emergência de objetos diferentes de discurso, assim como epis-temes, categorias conceituais e práticas de análises distintas”. A primeira dessas séries estaria na ordem do representacional (chamada, muitas vezes, de análise do discurso de primeira geração), formada por nomes como Michel Pêcheux, Catherine Fuchs e Denise Maldidier. A segunda série recebe a nomeação de tendência enunciativa e pragmática, que, ao contrário da primeira, tem uma relação menos implicada com questões ideológicas e com os pressupostos de um sujeito tido como assujeitado pelo inconsciente e pela ideologia. Nessa série, os nomes mais proeminentes são os de Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau. A terceira série emerge por intermédio de uma tendência sociocognitiva do discurso e lida com conceitos como memória interdiscursiva, memória cognitivo-discursiva, palavras-acontecimento etc. Os principais entusiastas dessa corrente são Marie-Anne Paveau, Sophie Moirand e Teun van Dijk.

Uma vez explicado, de forma dirimida, o caráter multifacetado do campo no qual nos inscrevemos, é interessante pontuar o aparato a ser mobilizado para analisar o romance *Stella Manhattan*. Por esse ângulo, o nosso olhar estará ancorado na segunda tendência, de cunho enunciativo e pragmático, com o fundamental trabalho desenvolvido por Dominique Maingueneau. O autor, conforme apontamos anteriormente, lança, em 1984, *Genèses du discours*, no qual encontramos o eficiente aparato analítico da *semântica global*. Maingueneau apresentou uma série de categorias (a intertextualidade, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de coesão, o modo de enunciação, o vocabulário, os temas), em meio a um olhar que concedia a primazia ao interdiscurso<sup>3</sup>, no intuito de investigar, de forma comparada, a circulação, na França da segunda

---

<sup>3</sup> “Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro*” (Maingueneau, 2008, p. 35-36, grifos nossos).

metade do século XVII, de dois discursos, a saber, o discurso humanista devoto<sup>4</sup> e o discurso jansenista<sup>5</sup>. É válido pontuar que esses discursos não circulavam de forma harmoniosa<sup>6</sup>, instaurando-se, à face do exposto, uma dinâmica de discurso x contradiscurso.

A mesma lógica se opera em *Stella Manhattan*, no sentido de que temos ali o discurso oficial, mobilizado por partidários da ditadura militar, e que na obra em questão é semiotizado pela personagem Aníbal, um professor universitário subserviente ao estado de exceção implementado no Brasil. Não apenas Aníbal, vale enfatizar, mas quase todo o aparato administrativo do setor de passaportes, no qual trabalha Eduardo/Stella, joga com base nas regras impostas pelos militares, a despeito de seus funcionários estarem vivendo em outro país. Há uma lógica, ao redor da vida de *Stella Manhattan*, que não a deixa escapar, por um lado, do discurso autoritário militar e do outro, do discurso revolucionário contrário ao anterior. Este último emerge na obra em questão, principalmente, com a personagem Marcelo Carneiro da Rocha que, em diversas passagens, permite-nos adentrar nos meandros de um aparelho de resistência, desvelando os conflitos internos, incoerências e inconstâncias desse tipo de organização.

### **Gesto de análise**

Conforme apontamos anteriormente, a semântica global será o nosso ponto de ancoragem analítica, mais particularmente, por meio das categorias *temas*, *vocabulário* e *modo de enunciação*. Iniciemos falando a respeito dos temas (e não se pretende, nesse espaço, apresentar uma definição hermética), que significam basicamente o assunto tratado em determinados discursos. Importa destacar que os discursos portadores de temáticas distintas estão longe de trazerem a originalidade e o ineditismo como marcas registradas. Eles, ao contrário, inscrevem-se em condições de emergência que incorreriam, muitas vezes, em repetições ressignificadas de valores outrora circulados.

---

<sup>4</sup> “Ligada à Contrarreforma católica, essa corrente teológica procurava harmonizar a reatualização do humanismo antigo característico da Renascença, com as exigências do dogma, dando importância aos traços de devoção destinados aos fiéis, independentemente de sua posição social. Entre os humanistas devotos, destacou-se a Companhia de Jesus, formada por jesuítas no século XVI, mais precisamente em 1549, com a missão de modernizar intelectualmente a Igreja e de expandir a fé católica...” (Souza-e-Silva, 2012, p. 101)

<sup>5</sup> “O jansenismo, como doutrina religiosa e moral, surgiu formalmente em 1640, no qual Jansenius [...] retomou e defendeu as ideias de Santo Agostinho sobre a relação entre a graça divina e a natureza humana. A graça divina – eficaz porque sem ela o homem não pode fazer o bem – relacionada à questão da predestinação – segundo a qual Cristo morreu apenas por alguns homens – era, há muito tempo, discutida no interior da Igreja, cuja tese ortodoxa sempre foi em direção contrária: a vontade humana é livre e, se pecamos, não é porque a graça nos falta, mas porque escolhemos pecar” (Souza-e-Silva, 2012, p. 101-102)

<sup>6</sup> “Tanto os humanistas devotos quanto os jansenistas disputavam entre si a confissão das grandes famílias nobres e a educação de crianças e jovens. É, pois, nesse contexto que se situa *Gênese*” (Souza-e-Silva, 2012, p. 102).

[...] se se decompõe em um conjunto de temas um discurso cuja especificidade parece à primeira vista não apresentar a menor dúvida, muito frequentemente fica claro que praticamente nenhum dos temas é realmente original, dado que ele se reencontra em múltiplos outros discursos, até nos seus adversários. Passando para um nível mais abstrato, o do sistema de restrições do espaço discursivo<sup>7</sup>, torna-se possível definir um novo modo de repartição das diferenças e das semelhanças; não se dirá mais que dois discursos antagonistas partilham esse ou aquele tema, já que sua oposição é global, de um sistema de restrições a outro. (Maingueneau, 2008, p. 82).

Uma observação interessante a ser oferecida por Maingueneau dá conta do recorte diferenciado no que diz respeito a distintos sistemas de restrição. Isso quer dizer que o discurso em favor do autoritarismo e o discurso de resistência constroem temas mediante uma relativa divergência. O autor assevera a integração semântica de todos os temas em um discurso dado, contudo “esses próprios temas se dividem em *temas compatíveis* e em *temas incompatíveis*. Os primeiros convergem semanticamente com o sistema de restrições; os segundos, não, mas mesmo assim estão integrados...” (Maingueneau, 2008, p. 84). Notemos, a título de ilustração, a seguinte passagem de *Stella Manhattan*, que traz um diálogo estabelecido entre Marcelo e Aníbal, portadores de discursos diametralmente opostos:

“O homem fraco em si não existe”, interrompe Marcelo, “pode haver o homem doente, mas isso é outra coisa. O homem fraco é um produto. Um produto da nossa –

Vocês não querem deixar o homem fraco viver. Hitler se esconde por detrás da sua teoria, da sua utopia. E depois dizem que nós somos os nazistas. Temos compaixão do homem, cuidamos dele para que não morra à míngua. Essa é a função, a legítima função do Estado: proteger o cidadão que não é capaz de se manter com dignidade, ou que não é capaz por esta ou aquela razão. (Santiago, 2017, p. 134).

Do que se trata esse diálogo? O que estaria em jogo na fala das personagens? Pensando na lógica dos temas, há uma incompatibilidade clara nos discursos

---

<sup>7</sup> Maingueneau examina o interdiscurso mediante a emergência de uma tríade. Em primeiro lugar, temos o *universo discursivo*, “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (Maingueneau, 2008, p. 33). O *campo discursivo*, por seu turno, é a instância de constituição do discurso, “o que não significa, entretanto, que um discurso se constitua da mesma forma com todos os discursos desse campo, e isso em razão de sua evidente heterogeneidade” (Maingueneau, 2008, p. 34). Por fim, apresenta-nos, nessa discussão, o *espaço discursivo*, que funciona como uma instância de recorte operado pelo pesquisador. Os *espaços discursivos* são “subconjuntos de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (Maingueneau, 2008, p. 35).

sos projetados por elas. O tema do discurso de Aníbal, por exemplo, gira em torno da necessidade de um Estado que cuida dos mais fracos. Há, de certa forma, a construção da imagem de um Estado bondoso, que precisaria ser forte para não deixar que as pessoas mais fragilizadas morram “à míngua”. Aos olhos de Marcelo, esse discurso teria outro tema, e isso é explicitado no romance, qual seja a necessidade de manutenção de um *status quo*, com o Estado construindo a figura do homem fraco, por meio de políticas públicas liberais e autoritárias, para que ele possa estender ainda mais o seu domínio. Notemos como esses dois temas trazem incompatibilidades entre si. De um lado, a construção da imagem de uma instância caridosa, do outro a percepção da emergência de valores paternalistas e autoritários inscritos em um discurso “envernizado”.

No que diz respeito ao *vocabulário*, o que se pode afirmar, com base em Maingueneau (2008), é a ausência de pertinência de uma análise pautada na palavra em si mesma. Interessante observar, ao contrário, aquilo que o próprio pesquisador francês entende como *signos de pertencimento*. Os sentidos expressos em determinados itens lexicais variam de acordo com a conjuntura, isto é, mediante condições de emergência específicas. Para a pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau, “descrever a memória em termos linguísticos seria, então, quase ao extremo, descrever o uso da própria língua na produção de discursos historicizados” (Paveau, 2013, p. 91). Vejamos o diálogo construído entre Viana (militar que ajudou Eduardo a encontrar trabalho em Nova York) e o próprio Eduardo. Vale enfatizar que Viana, militar homossexual, enxergou, fundamentado nesse favor prestado a Eduardo, a possibilidade de este o ajudar em seus encontros sexuais secretos:

[...] Eduardo se esforça para lembrar.  
“Quando te disse que era também entendido”.  
Eduardo riu de novo, intrigando mais o Viana.  
“É a palavra – *entendido*”.  
“Que que há de mau com a palavra?”  
“Nada”.  
“Nada?”  
“Sei lá, é de salão. Meio gozada. De bicha para bicha, a gente diz que é bicha mesmo. Ou então fanchona, se for o caso”. (Santiago, 2017, p. 55).

Notemos como o *vocabulário*, com base no diálogo anterior, possui uma entrada fundamental para que se possam apreender determinados efeitos de sentido. Em primeiro lugar, temos a contraposição entre itens lexicais que estariam situados no mesmo campo semântico. De um lado, temos o emprego, digamos, atenuado – *entendido* – de uma caracterização para o sujeito homossexual. Por outro lado, há uma marcação mais estigmatizada – *bicha* –, que se vincula mais

fortemente em um mecanismo de injúria ao qual os homossexuais comumente são submetidos. Para Eribon (2008, p. 94), “a força da injúria e do estigma é tal que conduz o indivíduo a fazer tudo para não ser considerado um dos membros daquele “conjunto” designado e constituído pela injúria”.

Curioso notar que há, na fala de Eduardo, um movimento contrário ao que é apontado por Didier Eribon, e a chave de resposta para isso pode passar pela tentativa de instaurar um gesto de resistência, já que o signo *bicha*, ao invés de ser uma entrada injuriosa, passa a exercer a função de uma possível marcação identitária. Marie-Anne Paveau identifica esse mecanismo como *plasticidade axiológica*, cuja ideia é construir uma ressignificação semântica, com o fito de permitir aos agentes “[...] brincar com os valores das palavras, que só são lidas e inscritas nos discursos a partir dos dados do ambiente” (Paveau, 2015, p. 326). A instauração desse dispositivo estaria centrada numa maior aceitação de si, e isso se dá, muitas vezes, mediante o emprego vocabular. Viana utiliza o termo *entendido* para dirimir, em um gesto de assimilação ao valor dominante e repressor, sua orientação sexual. Eduardo, por intermédio de uma estratégia de contra-ataque, ao contrário, ressignifica um item lexical injurioso. Eribon (2008, p. 94-95) tece importantes palavras a respeito dessa estratégia:

[...] compreendemos que, por conseguinte, só a aceitação de si como membro do “coletivo” visado e a solidariedade mínima como *gay* com os outros *gays* (e com as lésbicas) pode servir de ponto de apoio a uma resistência eficaz à injúria e ao processo de estigma dos homossexuais na sociedade. Essa luta não decorre apenas da mobilização política, nem mesmo da criação cultural. É uma transformação de si e do mundo que passa por cada gesto cumprido, por cada fala pronunciada para se libertar, tanto quanto possível, do peso da homofobia interiorizada.

Toda essa discussão, de alguma forma, possibilita-nos pensar, por exemplo, na emergência de dois temas: a assimilação e dissimulação dos homossexuais x a resistência contra a intolerância construída por esses sujeitos. Ao mesmo tempo em que se percebe essa possibilidade de tipificação temática, temos a construção da imagem desses sujeitos homossexuais, por meio de uma maneira específica de dizer nomeada por Maingueneau (2008) de *modo de enunciação*. Para essa categoria, é mister pontuar a existência de uma conjugação entre uma maneira específica de dizer que remete a uma maneira de ser, daí a pertinência em lidar com a categoria retórica do *éthos*. No entendimento do filósofo belga Michel Meyer (2007, p. 35, grifos nossos):

O *éthos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita àquele que fala pessoalmente a um auditório, nem mesmo a um autor que se esconde atrás

de um texto e cuja “presença”, por esse motivo, afinal, pouco importa. O éthos se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas.

É a partir dessa categoria que iremos estabelecer alguns gestos de análise da obra de Silviano Santiago. Uma das palavras-chave para o entendimento do éthos é, justamente – e isso fica claro no excerto anterior –, a ideia de identificação. Não estamos lidando aqui com sujeitos empíricos, haja vista o fato de estarmos diante de uma obra de ficção. Contudo, temos a construção imagética de sujeitos passíveis de factualidade, que, porventura, irão adotar determinados valores, crenças e anseios. Em *Stella Manhattan*, vale observar, temos a mobilização de diferentes códigos axiológicos, o que contribui, de forma decisiva, para uma leitura conjuntural a respeito do momento político e cultural vivenciado pelo Brasil. Uma boa forma para entender esse procedimento de construção imagética, no romance em questão, é voltar o olhar para o confronto de personalidades instaurado pela ficção. Observemos o recorte a seguir:

Para Stella a substituição do presidente Costa e Silva pela troica militar entrava num ouvido e saía pelo outro. Stella era muito pouco nacionalista. Queria uma verdade política nova e libertária, de uso pessoal e coletivo, que imaginava calado sem chegar a formular, mesmo porque não seria capaz. [...] Foi deixando Stella sair das paredes do quarto, sair de casa, descer o elevador, andar na rua, conversar com as pessoas, desmunhecar, que Eduardo foi se distanciando politicamente dos brasileiros que buscava. (Santiago, 2017, p. 24-25).

No processo mencionado acima, há um claro deslizamento no que tange à construção de personalidade. No início de nosso texto, Eduardo foi apresentado como sendo alguém tímido, retraído e que se vê perdido na vastidão de uma grande cidade. Além disso, a mudança espacial implica uma modificação axiológica – do Brasil do AI-5 para a Nova York de Woodstock. Talvez esse cenário, longe de se configurar em um paraíso, mas digamos mais propício para o processo de reinvenção de si, tenha possibilitado a emergência de Stella Manhattan. São duas personalidades distintas em um mesmo indivíduo. O curioso é que esse alheamento político registrado em Stella parece não acontecer com Eduardo, já que ele (seria um heterônimo?) emerge nas situações burocráticas e, principalmente, quando há uma crise na aparente assepsia que Nova York poderia lhe oferecer, considerando a situação política autoritária vivenciada no Brasil. É para escapar disso que entra em cena Stella Manhattan, cujo objetivo era criar uma “política nova e libertária”, coadunando com um interessante posicionamento defendido

pelo filósofo francês supracitado Didier Eribon, em sua pródiga leitura a respeito do postulado teórico desenvolvido por Michel Foucault.

À metafísica do sujeito e da libertação veiculada pelos grandes discursos da profecia política, mas também a todas as injunções à submissão e a todas as exortações à resignação, podemos opor a ideia de “subjetivação”, isto é, de um trabalho de transformação e de invenção de si mesmo que seria pensado, de acordo com os termos de Foucault, como “uma crítica prática na forma da superação possível”. (Eribon, 2008, p. 408).

Acreditamos que o dispositivo do *modo de enunciação* constrói uma personagem (Stella), que se conecta com aquilo que fora observado por Eribon assentado em Foucault. O modo de enunciação, destarte, “obedece às mesmas restrições que regem o próprio conteúdo do discurso. Não apenas o modo de enunciação torna-se frequentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por ‘tomar corpo’ por toda parte” (Maingueneau, 2008, p. 93). A constituição do éthos, para Maingueneau, implica a construção de um tom e de uma corporalidade, daí a margem para se pensar em uma ideia de identificação, já que as personagens do romance se tornam palpáveis graças a uma espécie de projeção.

Apresentemos, agora, a construção de dois éthos notadamente antagônicos, respectivamente Marcelo e Aníbal, se analisarmos no ponto de vista político.

Marcelo Carneiro da Rocha codinome Caetano, quando veio para Nova York ensinar veio também com uma outra missão, a de se juntar a um recém-constituído grupo de guerrilheiros liderado por Vasco (codinome). Em torno de Vasco foi-se formando, a partir de 1969, uma célula composta na maioria por estudantes brasileiros já residentes em Nova York, alguns trabalhando, e ainda por artistas que tinham se transferido para os Estados Unidos pelas mais diversas razões. (Santiago, 2017, p. 174).

Ai, meu jovem, tudo isso que você diz é uma imensa futilidade! Não perca tempo. Séculos e séculos de tradição nos legam o livro como ele é, e a leitura tal como ela é. Atos isolados de rebeldia e anarquia intelectual já nascem mortos, ou são abortos de uma inteligência doentia ou malsã [...]. Melhor artista é o que canaliza com mais propriedade as suas respostas à história da cultura. Caso contrário, faz qualquer coisa que dura vinte minutos, e ponto! Desaparece no ar como bolha de sabão. Dura vinte minutos porque ninguém entende, ninguém incorpora essa, digamos, coisa à sua vivência como a gente incorpora um grande livro que foi apreciado através da leitura tradicional... (Santiano, 2017, p. 132).

É notório o quão destoantes são as duas visões de mundo defendidas por Marcelo e por Aníbal. No primeiro excerto, temos a descrição de uma persona-

gem que transita entre dois mundos: o meio acadêmico – ele vai fazer um pós-doutorado em Nova York – e o meio da militância de esquerda, com esse estágio pós-doutoral funcionando como uma espécie de pretexto para contribuir em sua causa revolucionária. No segundo excerto, voltamos a trazer o diálogo entre Marcelo e Aníbal, focando na voz do segundo. Temos um professor universitário amplamente subserviente em relação ao *status quo*. Trata-se, portanto, de uma personagem que aposta fundamentalmente na repetição e na reprodução em detrimento da transformação. O éthos projetado, aqui, é o de tradicionalista, que não acredita na possibilidade de uma transformação suscitada pela manifestação artística (o debate acima, entre outras coisas, versa sobre questões estéticas).

O tema central da interação entre as personagens pode ser pensado mediante um confronto entre o conservadorismo e o reacionarismo contra o progressismo e a tentativa de se libertar de ideias preconcebidas. Sabemos que o produto da fala de Aníbal é a opressão e a barbárie, ao passo que a consequência de um *modus operandi* como o adotado por Marcelo é, justamente, o desenvolvimento de uma literatura de teor testemunhal, uma vez que personagens como Marcelo foram vítimas de barbáries de adeptos aos valores cultuados por personagens como Aníbal. A respeito da arte como um dispositivo de resistência e de reencenação da barbárie, Márcio Seligmann-Silva (2010, p. 118), ancorado em Theodor Adorno e Walter Benjamin, tece relevantes observações:

Do nosso ponto de vista, esse “testemunho” da barbárie que Benjamin e Adorno veem como estando latente em todo documento de cultura possui um significado claramente duplo. Por um lado, ele indica e denuncia a história como história da opressão; por outro lado, em termos de uma visão política ampliada, que penetra as modernas concepções de nossa psique e de nosso corpo, esse testemunho é também o que preserva o elemento recalcado pela cultura, uma vez que, nas palavras de Adorno, a arte é “porta-voz histórico da natureza oprimida”.

À vista disso, a posição de Aníbal é de justificação do documento de cultura e de uma forma tradicional de lê-lo. Marcelo, por outro lado, objetiva denunciar esse documento de cultura por intermédio de uma arte crítica, evocando aquilo que Seligmann-Silva (2022), assentado em Walter Benjamin, entende como *destruição dialética*, uma “destruição que garante o novo espaço de imagem, *Bildraum*, que ele (Benjamin, 2012) descreve de modo mais concreto como um ‘espaço de corpo’” (Seligmann-Silva, 2022, p. 223-224).

Essa ideia de uma repetição x transformação emerge em outro momento, no livro de Silviano Santiago. E, à vista disso, voltamos a focar Eduardo/Stella Manhattan, agora em fricção com outro sujeito homossexual, o imigrante cubano Paco. Aqui, iremos perceber a contraposição entre a assimilação (adotada por

Paco) contrastando com a tentativa de reinvenção de si, aos moldes do que foi defendido por Eribon.

Para Paco, bicha tem de ter pudor, assim como uma mujer que es verdaderamente, una hembra, tem que ser recatada. E Paco não podia nem de longe imaginar que Eduardo o dava como exemplo perfeito de bicha assumida. Já se comporta como alguém que não é homem nem é mulher. Paco tem estilo. Um estilo que não chega a ser individual, só dele, mas um estilo que recobre, que é resumo e síntese dos gestos e comportamentos inventivos da classe. Em conversa com Eduardo, Marcelo lhe disse que a principal característica da bicha hoje é a de uma constante busca de estilo próprio. (Santiago, 2017, p. 215).

Na passagem anterior, o narrador traz uma afirmação passível de críticas, em função de um caráter, de certa forma, paradoxal. Ele “pinta” Paco como uma personagem que possui estilo, algo que coadunaria com a imagem construída para uma instância actancial que prima em apresentar comportamentos inventivos. Ao mesmo tempo, Paco assevera a necessidade do recato, do sigilo, que flerta com a assimilação. Ele, destarte, não é adepto da desinibição, pois com ela há uma perda do:

Sentido da conveniência. Eduardo diz que isso é ser assumido, e isso é legal paca. São mais é possuídos pelo diabo, contesta Paco. *Mira a esta maricona de negro, como puede vestir-se como se viste y salir por la calle como se fuera día de carnaval. Será que perdeu o pudor a desgraçada?* (Santiago, 2017, p. 215).

A reinvenção de si e a luta contra o processo de silenciamento e de assimilação estão distantes do posicionamento de Paco. Eribon (2008) pontua que a externalização de sua orientação sexual significa a libertação do peso de uma identidade enrijecida e imposta de fora para dentro.

Com efeito, a obrigação de mentir consiste em manter presa no segredo da consciência uma boa parte de si mesmo. O que corresponde a constituir um gueto psicológico para ali dissimular a identidade sexual e afetiva e, portanto, uma boa parte daquilo que define a personalidade, preservando-a, assim, do olhar exterior e das possibilidades de injúria, do insulto, da desvalorização. Mas, como vimos, o “armário” só oferece uma segurança incerta, sempre ameaçada e, com frequência, fictícia. (Eribon, 2008, p. 124).

Algo amplamente distinto parece ser mobilizado por Stella Manhattan, lembremo-nos, por exemplo, em um dos fragmentos destacados da obra em questão, que essa personagem buscava criar uma “verdade política nova e libertária”. Essa “política” dialoga, conforme pontuamos anteriormente, com a recusa de um

enrijecimento identitário em prol da emergência de uma força criadora, por intermédio de “resistências que não operam apenas pelo gesto da recusa, mas podem igualmente tomar a forma de uma experimentação de novas práticas, de novos modos de existência” (Eribon, 2002, p. 394).

Os possíveis temas, encerrados em uma dinâmica de discurso x contradiscurso, concernentes à construção da imagem das personagens Stella e Paco seriam: a assimilação x libertação; silenciamento consentido x externalização das novas práticas libertárias; gueto psicológico x *destruição dialética*. Stella parece semiotizar a necessidade de um movimento exotópico, caracterizado pela retirada da máscara e pela fuga de um cárcere imposto externamente, mas, também, internamente, pois esse aprisionamento, e Paco simboliza isso de forma clara, é acolhido em prol de regras de etiqueta desenvolvidas por um *status quo* que prima em silenciar grupos alheios às normas estabelecidas.

### **Um gesto de conclusão em meio a um final em aberto**

*Stella Manhattan* possui uma estrutura fragmentada, com uma narrativa, predominantemente, cronológica, no sentido de que as personagens são apresentadas ao leitor de forma fracionada. A construção das imagens dessas personagens, conforme apontamos, dá-se a partir de contraposições, que possibilitam identificar temáticas que se tipificam por intermédio da formulação de discurso x contradiscurso.

Há duas questões centrais que se entrecruzam: em primeiro lugar, os efeitos de um Estado repressor diante de grupos de dissidentes, culminando na ínfima margem de manobra que o sujeito homossexual possui nesse estado de coisas. Curioso notar que isso se dá, tanto no homossexual dissidente (Eduardo e Marcelo) quanto no homossexual assimilado e partícipe da estrutura de violência (Viana). Sobre este, temos uma passagem marcante que parece funcionar como um gatilho para os acontecimentos subsequentes na vida de Eduardo/Stella:

O Viana falou então de um apartamento bem fuleiro e barato (duzentos dólares o aluguel por mês) que tinha encontrado na avenida Amsterdam entre as ruas 75 e 76. É bairro de negro drogado e de porto-riquenho bêbado, só que não tem perigo de encontrar alguém conhecido ao dobrar a esquina. “Já pensou, eu todo fardado de preto dando de cara com o embaixador!”. Além do mais os vizinhos são gente que não enjeito. Casa tudo. (Santiago, 2017, p. 60).

O trecho acima semiotiza o imperativo caráter do segredo, da discrição, uma vez que um homossexual militar, em meio àquele estado de coisas, seria intolerável. Por isso que Viana pede a Eduardo que o aluguel do citado apartamento seja feito em seu nome. Há, ainda, outra questão marcante: por que o

local para os prazeres secretos de Viana deveria ser em uma região caracterizada com termos tão pejorativos? A pobreza do lugar, formado por sujeitos alçados à condição de abjeção, parece dialogar com o fato de a orientação sexual de Viana ser, igualmente, abjeta. Não há espaço para tais atos em locais tidos como “civilizados”. A hipocrisia é denunciada na obra em questão, já que o modelo de conservadorismo e reacionarismo, o professor Aníbal, por exemplo, igualmente adota comportamentos sexuais com sua esposa que flertam marcadamente com, segundo o discurso vigente, a “imoralidade”.

Ademais, concatenando as discussões realizadas até o momento, é importante notar que o dispositivo teórico da *semântica global*, de Dominique Maingueneau, mostrou-se significativo para lidar com a contraposição discursiva existente em *Stella Manhattan*. Identificar os temas, o vocabulário e o modo de enunciação foi relevante para a realização de uma leitura conjuntural. Leitura essa que nos permitiu identificar o discurso oficial – dos militares –, cujo *modus operandi* consiste em apagar o discurso dissidente.

No início do texto, falamos da temporalidade como uma chave de leitura da obra em questão e, por conseguinte, precisamos, à guisa de conclusão, pensar no que se deu em proximidade ao ano de 2017 (ano de publicação pela Companhia das Letras), já que os valores autoritários e repressivos voltaram a ser mobilizados culminando na eleição de um notório entusiasta do estado de exceção. Convém pontuar que esses valores, pautados no agenciamento da violência, voltaram à tona em função de um passado que não foi devidamente perlaborado, uma vez que o Brasil se viu à mercê de uma *cadeia de negações*, cujo vértice é a lei de anistia de 1979 (Seligmann-Silva, 2022).

O final de *Stella Manhattan* é aberto, contudo ele nos permite estabelecer uma leitura que nos leva ao entendimento de que o sumiço de Eduardo/Stella seria um efeito de sentido que simboliza o desejo dos agentes da violência. A existência de Paco era tolerável, pois ele se mantinha no *sítio da outridade* (Seligmann-Silva, 2022). Já Eduardo/Stella rompia o imperativo limite entre a vida privada e a esfera pública, rompendo a chamada “situação ‘normal’”, já que esta é definida como tal pelo fato de que, ‘normalmente’, como diz a linguagem de todos os dias, a homossexualidade não é *dizível* ou, o que não é muito diferente, com frequência, não é *dita*” (Eribon, 2008, p. 131).

## Referências

BENJAMIN, W. *Magia e técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Rev. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012.

EMEDIATO, W. Problemáticas Contemporâneas nos Estudos do Discurso: Por uma Análise Integrada. In: EMEDIATO, W; MACHADO, I. L; LARA, G. M. P. (Org.). *Teorias do discurso – novas práticas e formas discursivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 19-56.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEYER, M. *A retórica*. Trad. Marly N. Peres; rev. téc. Lineide Salvador Mosca. São Paulo: Ática, 2007.

PAVEAU, M-A. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad. Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

SANTIAGO, S. *Stella Manhattan*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SELIGMANN-SILVA, M. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SOUZA-E-SILVA, M.C. Discursividade e espaço discursivo. In: FIGARO, R. et al. (Org.). *Comunicação e análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 99-118.

